

ASPECTOS CONJUNTURAIS DO CONSERVADORISMO NA FILOSOFIA TEOLÓGICA DO SÉCULO XIX

Patrícia Carla de Melo Martins¹ - PPG-PUC/SP

Buscando os princípios do comportamento religioso instaurado no Brasil por intermédio dos sistemas de ensino, a presente pesquisa adentra nas discussões políticas e culturais da Província de São Paulo no século XIX,² tendo como enfoque central a participação dos clérigos vinculados ao saber erudito no apogeu e declínio do Império Monárquico brasileiro. O período em questão é visto pelos pesquisadores como o momento de implantação do ultramontano no Brasil.³ Para Augustin Wernet⁴ os anos de 1851 a 1906 caracterizam o início do ultramontanismo na Província de São Paulo, pelo fato de ter sido este o momento em que o clero iluminista fora substituído. “A fase de transição terminou com a gestão episcopal de 31 anos de D. Duarte Leopoldo e Silva, quando começou o período do “auge do catolicismo ultramontano” em São Paulo. Na obra reformadora de Dom Antônio Joaquim de Melo destacaram-se muitas iniciativas e realizações indicadores dos novos rumos que o catolicismo paulista tomou. Para formar um clero mais ilustrado e moralizado, fundou no ano de 1856 o Seminário Episcopal, o primeiro na Província que seguia as normas do Concílio Tridentino.”⁵ Esta pesquisa verifica a eficácia do Seminário Episcopal neste processo de consolidação do ultramontanismo.

A atuação dos Capuchinhos franceses entre 1856 e 1878, na administração e funcionamento do Seminário Episcopal de São Paulo, apresenta peculiaridades que irão repercutir nas características do regionalismo católico paulistano e, sobretudo, do catolicismo da cidade de São Paulo. A história dos freis como administradores e docentes do Seminário, conjuntamente com a nova administração assumida em 1878, elucida até que ponto a romanização ou o conceito ultramontanismo se aplica aos clérigos paulistas.⁶

Embora os freis tenham sido afastados em 1878, a nova administração assumida, continuou seguindo os preceitos por eles difundidos. O corpo docente e administração que assumira, compunham os primeiros alunos formados no recinto destacado pela sua conduta e testemunho exemplar do clero que se queria. Fato que perpassa inteiramente pelo modelo idealizado pelos capuchinhos e pelos interesses políticos da monarquia vigente.

A Província de São Paulo, mais propriamente a capital paulista, proporcionou uma conjuntura que se projeta no cenário intelectual da nação, durante a segunda metade do século XIX, relacionado à expansão material da indústria cafeeira. Conjuntura que se relaciona com as tensões internas do período no qual se insere o conceito ultramontanismo. Nota-se que a irradiação das idéias católicas conservadoras que defendiam a importância da relação do catolicismo com a Sé romana, foram difundidas na Província de São Paulo em meio aos intelectuais vinculados ao ensino. Destacaram-se como principais focos de irradiação de um pensamento filosófico, a Faculdade de Direito Largo São Francisco, que trazia o auxílio dos franciscanos e do Seminário Episcopal fundado por D. Antônio Joaquim de Melo, mantido, em princípio, pelos capuchinhos de Savóia.

A relevância política e cultural do Seminário Episcopal de São Paulo para a organização do clero da Província é um estudo que adentra na autoconsciência ou autocompreensão do clero. Entende-se por autocompreensão a capacidade de se auto-regular a partir do contexto político, econômico e cultural no qual se insere. Durante o Segundo Reinado inicia-se no Brasil a separação entre a Igreja e o Estado, separação que se concretiza com a proclamação da República, situação que levou os clérigos a saírem do cenário político levando-os para o cenário cultural, vinculado às instituições eruditas de a uma nova orientação cujo modelo estava na Europa. Esta transferência do clero, do político para o cultural ocorreu em parte por intermédio da difusão de novos

princípios teológicos redimensionados como uma forma de permanecer junto aos demais discursos engendrados pelos grupos dominantes.

Neste sentido, procura-se quebrar a rubrica de que a Igreja é um aparelho ideológico do Estado, idéia que descaracteriza o movimento católico como auto-reflexão, ou seja, quanto a sua capacidade de se adaptar a realidade onde se estabelece, o que é contrário à idéia de que o catolicismo não é uma reprodução mecânica e rotineira de si mesmo. O discurso teológico-político possui elementos que lhe fornece força e poder de instaurar práticas sociais novas, quase sempre contraditórias em relação à política do Estado e das elites dirigentes laicas. O estudo sob o aspecto teológico da religião – geralmente minimizado pela preocupação com o lado social do catolicismo – identifica seu poder de dominação sobre a sociedade, “...o discurso teológico é posto em segundo plano em face da análise política conjuntural, o que leva a uma identificação de personagens eclesiásticos dentro do jogo político sem tematizar, ao mesmo tempo, seus motivos e seus modos específico de exprimi-los... Não é possível esquecer que o discurso da Igreja é teológico político”⁷

Utilizando-se de uma reavaliação bibliográfica e, sobretudo, de uma documentação ainda não interpretada, concernente à burocracia e ao conteúdo filosófico-teológico produzido pelo clero envolvido com a estrutura educacional do Seminário, tem-se um locus de produção de práticas e representações⁸ que caracterizam a existência de um grupo sócio-cultural da sociedade brasileira orientado pelos princípios teológicos do catolicismo. Catolicismo que não se restringe ao grupo de intelectuais que os produzem, extrapola a si mesmo, atingindo outros grupos sócio-culturais uma vez que o padre é um intermediador entre a hierarquia, política e religiosa, e a população de fiéis. Os documentos pertinentes ao Seminário fazem parte da produção oficial do clero envolvido. Material não esgotado pela historiografia que aborda o pensamento católico do período em questão. É comum entre os pesquisadores, que abordam tanto o aspecto político,

como cultural, social ou intelectual do clero, generalizar ou minimizar a participação dos Seminários no âmbito de suas análises. Uma nova fase do catolicismo brasileiro se efetiva pela difusão de um novo discurso teológico que por sua vez intensifica as práticas religiosas, em parte, organizada pelas instituições totais⁹ para a formação do clero.¹⁰

O Seminário Episcopal é entendido como primeira instituição de ensino superior para padres da Província de São Paulo. Faz parte da expansão institucional resultante da burocratização política da modernidade. “A expansão institucional, apoiada nas alianças com setores de peso das oligarquias e cuja principal frente era os investimentos na prestação de serviços educacionais, acabou frutificando também no que diz respeito ao crescimento e diversificação dos espaços destinados ao recrutamento e formação de quadros.”¹¹ Tipo de aliança que acaba interferindo nas diretrizes da hierarquia romana sobre o treinamento do clero, nas formas de culto, calendário das festividades, estilo de comando das autoridades episcopais, etc. A segunda metade do século XIX instaurou um catolicismo erudito dependente de uma instituição de ensino superior que envolvia os cursos de filosofia e teologia, ou seja, a propagação de um novo discurso teológico.

Os manuais de teoria religiosa adotados apresentam os fundamentos para a compreensão da filosofia teológica assumida, quais sejam: Teologia Dogmática, o Catecismo e o livro de Devoção Religiosa. Textos que apresentam as linhas do ultramontanismo que se queria por intermédio do Seminário, todas elas, produzidas pelo clero francês. O livro de Teologia Dogmática intitulado *Théologie Dogmatique ou exposition des preuves et des dogmes de la religion catholique*,¹² composto em dois volumes pelo Abade Gousset fora produzido na primeira metade do século XIX e apresenta uma argumentação que se apropria dos métodos racionalistas produzidos na época, todavia, quanto aos aspectos temáticos é a fé o ponto central da obra. O Catecismo de Guillois¹³ segue a mesma linha.

O livro de devoção, *Filotéia ou introdução a vida devota por S. Francisco de Sales*,¹⁴ verifica-se grande envolvimento dos seus conteúdos junto aos alunos, posto que houve uma tentativa de se manter no Seminário a Congregação de São Francisco de Sales – tentativa documentada em atas de reuniões.¹⁵ Obra importante no contexto de renovação das práticas clericais, produzida no século XVI, fora reeditada no século XIX, estando entre as obras indicadas como leitura obrigatória pelo Papa Pio IX.¹⁶ Os congregados seriam apenas os alunos capazes de dar testemunho da vida devota proposta na obra, restringia a participação, somente aos mais disciplinados, apenas os que apresentavam boa índole e clara vocação.

Outra obra significativa à análise que se pretende é o *Compendio de Teologia Católica Racional*¹⁷ escrito pelo vice-reitor e professor de Filosofia e Teologia do Seminário, Frei Firmino de Centelhas, publicado em 1864.¹⁸ É apresentado entre o corpo docente do Seminário como senhor dotado de erudição extraordinária, conhecedor do latim, francês, inglês, italiano, espanhol e português, conhecedor sem par das ciências históricas e cronológicas.¹⁹ Na categoria de ex-professor escreveu sua obra destinada aos jovens do santuário – nome dado ao colégio por Frei Firmino - dividida em três partes, contém cada qual uma lição subdividida em mais nove ou dez partes. A primeira lição, dedicada às Belas Artes; a segunda à Arte da Oratória; e, a terceira à Arte poética.

Apresenta uma estrutura que aponta para os princípios estéticos e epistemológicos do pensamento teológico defendido. Dentre os objetivos gerais da obra encontra-se toda uma crítica de insuficiência da filosofia moderna estabelecida sobre a razão puramente natural do homem. Ao renegar os elementos metafísicos da apreensão do conhecimento o homem estaria negando a revelação divina do Criador que desenvolveria os verdadeiros princípios de uma moral capaz de orientar a existência humana. Negar a revelação seria negar as grandes verdades universais acerca da existência de Deus, imortalidade da alma, assim como os deveres e limites da existência

individual e coletiva. Ao mesmo tempo procura elucidar o que há de verdadeiro e positivo e o que há de mais fraco e falso nas melhores obras filosóficas, ou seja, não nega a presença do divino na filosofia racionalista, mas alega sua insuficiência. Os católicos são colocados como portadores da verdade completa, os quais apresentam o meio infalível para fugir ao erro, são os conhecedores da revelação da palavra de Deus que demonstra a falibilidade da razão humana, atribui a razão o local onde se produz a indecisão e o erro. A verdade de Deus colocaria o homem em contato com leis positivas: moral fornecedora de uma noção concreta de bem e mal, solicitude, felicidade e sabedoria infinita. Princípios estes desenvolvidos conforme o método de apreensão da realidade propostos pelos intérpretes do catolicismo e reunidos no Compêndio. Método desenvolvido pelas ciências metafísica e moral, principal objeto da filosofia teológica-católica, tornando-se os guardiões e detentores das verdades fundamentais que tem guiado o homem desde o princípio de sua criação.²⁰

Além destes conteúdos os alunos recebiam aulas de Filosofia, Direito Civil, Direito Canônico, História Sagrada, História Profana, Retórica, Geografia, Gramática Latina e Portuguesa, Música e Canto Gregoriano, Arte Sacra e Ciências – contavam também com um laboratório de Astronomia. Os alunos sob o regime de internato sofriam outras influências de aspecto coercitivo e disciplinar. A iconografia religiosa exaltada pela administração atuava na formação da personalidade do pároco.

¹ A pesquisa aqui apresentada é parte do doutorado que vem sendo desenvolvido junto ao programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências da Religião da PUC de São Paulo, sob a orientação do Prof. Dr. Fernando Torres Londoño.

² CARVALHO, José Muirilo. *A construção da ordem*. Rio de Janeiro Campus, 1980; HOLANADA, Sérgio Buarque (org.). *Brasil Monárquico: declínio e queda do Império*. Rio de Janeiro: Bertrand/Brasil, 1995; MOTA, Guilherme e NOVAIS, Fernando. *A independência política do Brasil*. São Paulo: Moderna, 1986. MARTINS, Wilson. *História da Inteligência brasileira*. Vol. II (1794-1855). São Paulo: T.A. Queiroz, 1992.

³ FRAGOSO, Hugo. A Igreja na formação do Estado Liberal (1840-1875). In: BEOZZO, José (coord) *História Geral da Igreja na América Latina*. Tomo II. História da Igreja no Brasil segunda época: a Igreja no Brasil do século XIX. Petrópolis: Vozes ed. Paulinas, 3 ed. WERNET, Augustin. *A Igreja paulista no século XIX*. São Paulo: Ática, 1987; LUSTOSA, Oscar de Figueiredo. *Reformistas na Igreja do Brasil Império*. São Paulo: Nova Série, 1977. MOURA, Odilão. *As idéias católicas no Brasil: direções do pensamento católico no Brasil séc.*

XIX. São Paulo: Convívio, 1878; VILLAÇA, Antônio Carlos. *O pensamento católico no Brasil*. Rio de Janeiro: Zahar, 1975; AZEVEDO, Thales. *Igreja e Estado em tensão e crise*. São Paulo: Ática, 1978. TORRES, João Camilo de Oliveira. *História das idéias religiosas no Brasil*. São Paulo: Grijalbo, 1968; MICELI, Sérgio. *A elite eclesiástica brasileira*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988; e, outros.

⁴ WERNET, Augustin. Os primórdios do ultramontanismo em São Paulo (1851-1906): Perspectivas de Pesquisa. *Sociedade Brasileira de Pesquisa História (SBPH)*. Anais da IV, Reunião São Paulo, 1985.

⁵ Idem, p.2

⁶ MICELI, S. *A elite eclesiástica brasileira*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988. p. 27

⁷ ROMANO, Roberto. *Brasil: Igreja contra Estado*. São Paulo: Kairós, 1979. p. 19

⁸ CHARTIER, Roger. *A História entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Difel, 1990. De acordo com o autor a História é marcada por períodos, nos quais se configuram distintos discursos e estratégias coercitivas que interagem com as formas de relacionamento dos diversos grupos de uma sociedade. Cada momento histórico e/ou organização cultural teria seu próprio conjunto de idéias geradoras de representações capazes de direcionar o comportamento, ou seja, práticas individuais e coletivas, guiada por um conjunto simbólico, que atua: nos valores, crenças, ritos, formas de sociabilidade, sistemas de parentesco, relações familiares e outros.

⁹ GOFFMAN, Erving. *Manicômios prisões e conventos*. São Paulo: Perspectiva, 1987. Para o autor as instituições totais se propagam na modernidade. Tratam-se de locais fechado e isolados – variam quanto ao isolamento - que envolve todas as atividades da vida dos seus participantes. “Seu “fechamento ou seu caráter total é simbolizado pela barreira à relação social com o mundo externo e por proibições a saída que muitas vezes estão incluídas no esquema físico – por exemplo portas fechadas, paredes altas, arame farpado, fossos, água, florestas ou pântanos” p.16

¹⁰ Idem. É válido ressaltar aqui o quarto item das elucidações de Irving Goffman sobre as instituições totais: “Em quarto lugar, há instituições estabelecidas com a intenção de realizar de modo mais adequado alguma tarefa de trabalho, e que se justificam apenas através de tais fundamentos instrumentais: quartéis, navios, escolas, internas, campos de trabalho, colônias e grandes mansões... Finalmente, há os estabelecimentos destinados a servir de refúgio do mundo, embora muitas vezes sirvam também como locais de instrução para os religiosos; entre exemplos de tais instituições, é possível citar abadias, mosteiros, conventos e outros claudros.”p.17

¹¹ MICELI, Sérgio. *A elite eclesiástica brasileira*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988, p. 24.

¹² CARDEAL GOUSSET, Theologie dogmatique ou exposition des prevés et des dogmes de la religion catholique. Paris: Jacques Lecoffre et Cie, 1852

¹³ ABADE GUILLOIS, Catecismo em 4 volumes

¹⁴ FILOTÉIA ou introdução a vida devota de S.Francisco de Sales Bispo e Príncipe de Genebra. Traduzido por Frei João José P. De Castro. Petrópolis, R.J.: Vozes. Quinta edição, 1936. Arquivo particular do ex-bispo de São José do Rio Preto, SP, D.José Aquino.

¹⁵ ATAS DA CONGREGAÇÃO DE SÃO FRANCISCO DE SALES (1887-1889). Arquivo Diocesano da Cúria Metropolitana de São Paulo (Arcebispado). Ref. (11-3-21)

¹⁶ FILOTÉIA ou introdução a vida devota de S.Francisco de Sales Bispo e Príncipe de Genebra. Traduzido por Frei João José P. De Castro. Petrópolis, R.J.: Vozes. Quinta edição, 1936. Conforme nota introdutória da edição produzida em 1936.

¹⁷ CENTELHAS, Frei Firmino. *Compêndio de Filosofia católico racional*. São Paulo: Tipografia Alemão de Henrique Schroeder. 1864. Encontrado no acervo de obras raras da biblioteca da PUC - SP.

¹⁸ VILLAÇA, Antônio Carlos. *O pensamento católico no Brasil*. Rio de Janeiro: Zahar, 1975. p.50. A obra é apresentada junto aos demais que se destacaram entre os intelectuais católicos da no século XIX

¹⁹ POLIANTHÉA, Álbum Publicação comemorativa do 1º. quinquagenário da Fundação do Seminário Episcopal de São Paulo (1856-1906). p.8

²⁰ CENTELHAS, Frei Firmino. *Compêndio de Filosofia católico racional*. São Paulo: Tipografia Alemão de Henrique Schroeder. 1864. p. V a X